

caderno do  
**PROFESSOR**

# FILOSOFIA



ensino médio  
**2ª SÉRIE**  
volume 3 - 2009



## GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador  
**José Serra**

Vice-Governador  
**Alberto Goldman**

Secretário da Educação  
**Paulo Renato Souza**

Secretário-Adjunto  
**Guilherme Bueno de Camargo**

Chefe de Gabinete  
**Fernando Padula**

Coordenadora de Estudos e Normas  
Pedagógicas  
**Valéria de Souza**

Coordenador de Ensino da Região  
Metropolitana da Grande São Paulo  
**José Benedito de Oliveira**

Coordenador de Ensino do Interior  
**Rubens Antonio Mandetta**

Presidente da Fundação para o  
Desenvolvimento da Educação – FDE  
**Fábio Bonini Simões de Lima**

### EXECUÇÃO

Coordenação Geral  
**Maria Inês Fini**

Concepção  
Guiomar Namó de Mello  
Lino de Macedo  
Luís Carlos de Menezes  
Maria Inês Fini  
Ruy Berger

### GESTÃO

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Presidente do Conselho Curador:  
Antonio Rafael Namur Muscat

Presidente da Diretoria Executiva:  
Mauro Zilbovicius

Diretor de Gestão de Tecnologias  
aplicadas à Educação:  
Guilherme Ary Plonski

Coordenadoras Executivas de Projetos:  
Beatriz Scavazza e Angela Sprenger

### COORDENAÇÃO TÉCNICA

CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas  
Pedagógicas

### Coordenação do Desenvolvimento dos Conteúdos Programáticos e dos Cadernos dos Professores

Ghisleine Trigo Silveira

### AUTORES

#### Ciências Humanas e suas Tecnologias

Filosofia: Paulo Miceli, Luiza Christov, Adilton  
Luís Martins e Renê José Trentin Silveira

Geografia: Angela Corrêa da Silva, Jaime  
Tadeu Oliva, Raul Borges Guimarães, Regina  
Araujo, Regina Célia Bega dos Santos e  
Sérgio Adas

História: Paulo Miceli, Diego López Silva,  
Glaydson José da Silva, Mônica Lungov Bugelli e  
Raquel dos Santos Funari

Sociologia: Heloisa Helena Teixeira de Souza  
Martins, Marcelo Santos Masset Lacombe,  
Melissa de Mattos Pimenta e Stella Christina  
Schrijnemaekers

#### Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Biologia: Ghisleine Trigo Silveira, Fábola Bovo  
Mendonça, Felipe Bandoni de Oliveira, Lucilene  
Aparecida Esperante Limp, Maria Augusta  
Querubim Rodrigues Pereira, Olga Aguilar  
Santana, Paulo Roberto da Cunha, Rodrigo  
Venturoso Mendes da Silveira e Solange Soares  
de Camargo

Ciências: Ghisleine Trigo Silveira, Cristina  
Leite, João Carlos Miguel Tomaz Micheletti Neto,  
Julio César Foschini Lisbôa, Lucilene Aparecida  
Esperante Limp, Maira Batistoni e Silva, Maria  
Augusta Querubim Rodrigues Pereira, Paulo  
Rogério Miranda Correia, Renata Alves Ribeiro,  
Ricardo Rechi Aguiar, Rosana dos Santos Jordão,  
Simone Jaconetti Ydi e Yassuko Hosoume

Física: Luís Carlos de Menezes,  
Estevam Rouxinol, Guilherme Brockington,  
Ivã Gurgel, Luís Paulo de Carvalho Piassi, Marcelo  
de Carvalho Bonetti, Maurício Pietrocola Pinto  
de Oliveira, Maxwell Roger da Purificação Siqueira,  
Sonia Salem e Yassuko Hosoume

Química: Maria Eunice Ribeiro Marcondes  
Denilse Moraes Zambom, Fábio Luiz de Souza,  
Hebe Ribeiro da Cruz Peixoto, Isis Valença de  
Souza Santos, Luciane Hiromi Akahoshi, Maria  
Fernanda Penteado Lamas e Yvone  
Mussa Esperidião

### Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Arte: Gisa Picosque, Mirian Celeste Martins,  
Geraldo de Oliveira Suzigan, Jéssica Mami Makino  
e Sayonara Pereira

Educação Física: Adalberto dos Santos Souza,  
Jocimar Daolio, Luciana Venâncio, Luiz Sanches  
Neto, Mauro Betti e Sérgio Roberto Silveira

LEM – Inglês: Adriana Ranelli Weigel Borges, Alzira  
da Silva Shimoura, Lívia de Araújo Donnini Rodrigues,  
Priscila Mayumi Hayama e Sueli Salles Fidalgo

Língua Portuguesa: Alice Vieira, Débora Mallet  
Pezarim de Angelo, Eliane Aparecida de Aguiar,  
José Luís Marques López Landeira e João Henrique  
Nogueira Mateos

### Matemática

Matemática: Nilson José Machado, Carlos  
Eduardo de Souza Campos Granja, José Luiz Pastore  
Mello, Roberto Perides Moisés, Rogério Ferreira da  
Fonseca, Ruy César Pietropaolo e Walter Spinelli

### Caderno do Gestor

Lino de Macedo, Maria Eliza Fini e Zuleika de Felice  
Murrie

### Equipe de Produção

Coordenação Executiva: Beatriz Scavazza

Assessores: Alex Barros, Beatriz Blay, Carla de  
Meira Leite, Eliane Yambanis, Heloisa Amaral Dias  
de Oliveira, José Carlos Augusto, Luiza Christov,  
Maria Eloisa Pires Tavares, Paulo Eduardo Mendes,  
Paulo Roberto da Cunha, Pepita Prata, Renata Elsa  
Stark, Solange Wagner Locatelli e Vanessa Dias  
Moretti

### Equipe Editorial

Coordenação Executiva: Angela Sprenger

Assessores: Denise Blanes e Luis Márcio Barbosa

Projeto Editorial: Zuleika de Felice Murrie

Edição e Produção Editorial: Conexão Editorial,  
Buscato Informação Corporativa, Verba Editorial,  
Adesign e Occy Design (projeto gráfico)

### APOIO

FDE – Fundação para o Desenvolvimento da  
Educação

### CTP, Impressão e Acabamento

Esdeva Indústria Gráfica

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias de educação do país, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos\* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

\* Constituem "direitos autorais protegidos" todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas no material da SEE-SP que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.

S239c Caderno do professor: filosofia, ensino médio - 2ª série, volume 3 /  
Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe,  
Adilton Luís Martins, Luiza Christov, Paulo Miceli. – São Paulo : SEE, 2009.

ISBN 978-85-7849-327-1

1. Filosofia 2. Ensino Médio 3. Estudo e ensino I. Fini, Maria Inês. II. Martins,  
Adilton Luís. III. Christov, Luiza. IV. Miceli, Paulo. V. Título.

CDU: 373.5:101

Caras professoras e caros professores,

Tenho a grata satisfação de entregar-lhes o volume 3 dos Cadernos do Professor.

Vocês constatarão que as excelentes críticas e sugestões recebidas dos profissionais da rede estão incorporadas ao novo texto do currículo. A partir dessas mesmas sugestões, também organizamos e produzimos os Cadernos do Aluno.

Recebemos informações constantes acerca do grande esforço que tem caracterizado as ações de professoras, professores e especialistas de nossa rede para promover mais aprendizagem aos alunos.

A equipe da Secretaria segue muito motivada para apoiá-los, mobilizando todos os recursos possíveis para garantir-lhes melhores condições de trabalho.

Contamos mais uma vez com a colaboração de vocês.

**Paulo Renato Souza**

Secretário da Educação do Estado de São Paulo

# SUMÁRIO

<b>São Paulo faz escola – Uma Proposta Curricular para o Estado</b>	<b>5</b>
<b>Ficha do Caderno</b>	<b>7</b>
<b>Orientação sobre os conteúdos do Caderno</b>	<b>8</b>
<b>Situações de Aprendizagem</b>	<b>9</b>
Situação de Aprendizagem 1 – Reflexão sobre humilhação e velhice	9
Situação de Aprendizagem 2 – Reflexão sobre racismo	15
Situação de Aprendizagem 3 – Diferenças e semelhanças entre homens e mulheres	22
Situação de Aprendizagem 4 – Filosofia e educação	28

# SÃO PAULO FAZ ESCOLA – UMA PROPOSTA CURRICULAR PARA O ESTADO

Prezado(a) professor(a),

É com muita satisfação que lhe entregamos mais um volume dos Cadernos do Professor, parte integrante da Proposta Curricular de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental – Ciclo II e do Ensino Médio do Estado de São Paulo. É sempre oportuno lembrar que esta é a nova versão, que traz também a sua autoria, uma vez que inclui as sugestões e críticas recebidas após a implantação da Proposta.

É também necessário lembrar que os Cadernos do Professor espelharam-se, de forma objetiva, na Base Curricular, referência comum a todas as escolas da rede estadual, e deram origem à produção dos Cadernos dos Alunos, justa reivindicação de professores, pais e famílias para que nossas crianças e jovens possuíssem registros acadêmicos pessoais mais organizados e para que o tempo de trabalho em sala de aula pudesse ser melhor aproveitado.

Já temos as primeiras notícias sobre o sucesso do uso dos dois Cadernos em sala de aula. Este mérito é, sem dúvida, de todos os profissionais da nossa rede, especialmente seu, professor!

O objetivo dos Cadernos sempre será o de apoiar os professores em suas práticas de sala de aula. Podemos dizer que este objetivo está sendo alcançado, porque os professores da rede pública do Estado de São Paulo fizeram dos Cadernos um instrumento pedagógico com bons resultados.

Ao entregar a você estes novos volumes, reiteramos nossa confiança no seu trabalho e contamos mais uma vez com seu entusiasmo e dedicação para que todas as crianças e jovens da nossa rede possam ter acesso a uma educação básica de qualidade cada vez maior.

**Maria Inês Fini**

Coordenadora Geral  
Projeto São Paulo Faz Escola



# FICHA DO CADERNO

**Nome da disciplina:** Filosofia

**Área:** Ciências Humanas e suas Tecnologias

**Etapa da educação básica:** Ensino Médio

**Série:** 2<sup>a</sup>

**Volume:** 3

**Temas e conteúdos:** Filosofia, Política e Ética

## **ORIENTAÇÃO SOBRE OS CONTEÚDOS DO CADERNO**

Caro(a) Professor(a),

Este Caderno foi concebido visando favorecer reflexões sobre as injustiças e violências cotidianas, para a análise de seu enfrentamento a partir do comportamento ético e do compromisso político na perspectiva da crítica à exclusão social.

Para este bimestre, o aluno será orientado a pensar sua ação no mundo como indivíduo e como parte da sociedade, como responsável ético e político e, ao mesmo tempo, como agente individual e parte cooperativa do processo histórico.

As Situações de Aprendizagem deste Caderno vão tratar de sofrimentos causados pela exclusão material e subjetiva, relacionados a questões como velhice e humilhação social. Em seguida, trabalha-se o tema do racismo, com ênfase em suas manifestações no Brasil. Finalmente, depois de refletir sobre o proble-

ma da exclusão das mulheres, faz-se uma análise ética e política da educação.

Como objetivo geral, propõe-se, com base na Filosofia, pensar novas formas de relações sociais, baseadas na compreensão crítica do mundo. Partindo do pressuposto de que diferenças e conflitos sempre existirão, o que se pretende é a reflexão sobre formas solidárias de convivência social, preparando os estudantes para enfrentar conflitos e assumir uma postura de respeito diante de indivíduos com necessidades especiais; de indivíduos com diferentes orientações sexuais; de diferentes culturas. O limite da tolerância está nas situações e pessoas que, por meio de gestos violentos, ferem o ideal de solidariedade, justiça e igualdade de direitos.

### **Conhecimentos priorizados**

Como prioridades, indicamos a produção e o exercício da reflexão ética e política a respeito da exclusão social e da violência simbólica.

# SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1 REFLEXÃO SOBRE HUMILHAÇÃO E VELHICE

O objetivo desta Situação de Aprendizagem é introduzir o debate sobre a humilhação como resultado da desigualdade

social para, em seguida, discutir a existência e a condição dos idosos em nossa sociedade.

**Tempo previsto:** 4 aulas.

**Conteúdos e temas:** humilhação e velhice.

**Competências e habilidades:** construir argumentação consistente; elaborar propostas para intervenção solidária na realidade respeitando valores humanos e considerando diversidade sociocultural; analisar a importância dos valores éticos na reflexão sobre a humilhação social e velhice; identificar estratégias que promovam formas de inclusão social.

**Estratégias:** exercícios de reflexão, escrita e leitura.

**Recursos:** texto para leitura.

**Avaliação:** observação e registros a respeito da participação dos estudantes; correção dos exercícios e a organização do Caderno do Aluno são essenciais para a avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

### Sondagem e sensibilização

#### Ouvir e dialogar

A humilhação é um sentimento de desigualdade. Para José Moura Gonçalves Filho, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), a humilhação consiste em uma modalidade de angústia disparada pelo impacto traumático da desigualdade de classe, isto é, a angústia que se sofre quando alguém se depara com um abismo chamado desigualdade, o que corresponde à percepção de que, enquanto um está em posição superior, o outro se coloca, violentamente, em uma posição inferior.

A desigualdade experimentada **do lado de fora** é internalizada como sofrimento, ao qual muitas pessoas já estão habituadas.

Dessa maneira, além da **humilhação crônica**, que atinge os pobres, como resultado das desigualdades econômicas e políticas, experimenta-se uma espécie de angústia assumida pelo humilhado nas mais variadas manifestações de sua existência.

Mas quando uma pessoa é humilhada? Quando se mostra a ela uma diferença que a põe em situação de inferioridade. Por exemplo, quando um chefe grita com o funcionário, quando um adulto ou jovem ignora ou maltrata um idoso, quando uma mulher é agredida pelo marido, quando uma pessoa mais forte ameaça outra menos forte. Enfim, existe em nossa sociedade uma hierarquia constante que leva o humilhado a sentimentos que o agridem, como susto, medo, pavor, tristeza, ódio, culpa, solidão, os quais, muitas vezes, são interiorizados pelas pessoas.

Na sociedade, todos são, em alguma medida, humilhados, mas, no caso das pessoas mais pobres, isso pode ser constante e ocorrer da infância à velhice. A humilhação contínua vai se acumulando e moldando as pessoas, levando-as a ter uma baixa autoestima e tornando-as menos sensíveis, menos solidárias e até mesmo violentas.

O texto a seguir, presente também no Caderno do Aluno, é um trecho do livro *Humilhação social* de José Moura Gonçalves Filho e foi indicado no sentido de proporcionar uma sondagem inicial e subsidiar uma reflexão com base nas seguintes questões:

- a) O sentimento de humilhação limita-se às situações de desigualdade social?
- b) Dê um exemplo de situação de humilhação vivenciada por você ou outra pessoa. Qual é a principal causa para o sentimento de humilhação no exemplo destacado?
- c) Fingir que não tem importância ou agir violentamente resolve o sentimento da humilhação? Por quê?
- d) Você tem aceitado calado as humilhações ou tem procurado se defender de forma crítica, ou seja, analisando as motivações de quem o humilhou e contextualizando-as no conjunto de valores de nossa sociedade que merecem ser questionados?
- e) Cite momentos em que as instituições e o poder público humilham as pessoas (por exemplo: filas, mau atendimento médico-hospitalar, impunidade diante de práticas de corrupção). O que devemos fazer para que passem a respeitar as pessoas?

Duas questões merecem ainda ser consideradas sobre os efeitos da humilhação. Não é necessário que os alunos respondam neste momento, mas que recebam orientações para pensar sobre elas: *A humilhação endurece as pessoas? A humilhação pode levar à criminalidade?*

Texto para leitura com os alunos:

“A humilhação é uma modalidade de angústia que se dispara a partir do enigma da desigualdade de classes. Angústia que os pobres conhecem bem e que, entre eles, inscreve-se no núcleo de sua submissão. Os pobres sofrem frequentemente o impacto dos maus-tratos. Psicologicamente, sofrem continuamente o impacto de uma mensagem estranha, misteriosa: ‘você são inferiores’. E o que é profundamente grave: a mensagem passa a ser esperada, mesmo nas circunstâncias em que, para nós outros, observadores externos, não pareceria razoável esperá-la. Para os pobres, a humilhação ou é uma realidade em ato ou é frequentemente sentida como uma realidade iminente, sempre a espreitar-lhes, onde quer que estejam, com quem quer que estejam. O sentimento de não possuírem direitos, de parecerem desprezíveis e repugnantes, torna-se-lhes compulsivo: movem-se e falam, quando falam, como seres que ninguém vê.”

GONÇALVES FILHO, José Moura. *Humilhação social: um problema político em Psicologia*. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, n. 2, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641998000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641998000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 6 jun. 2008.

Além de responder às questões já indicadas, sugerimos que os alunos preencham o quadro a seguir, dando exemplos de situações de humilhação.

No item *agressor*, devem colocar uma personagem social. No item *humilhado*, deve estar quem foi agredido ou sofreu a agressão. Na resposta à pergunta *Como foi a humilhação?*, os alunos devem mostrar o fato ocorrido. Como *sentimentos*, devem ser considerados susto,

medo, pavor, tristeza, ódio, culpa solidão. As *reações*, por sua vez, podem ser as seguintes: concordou e se menosprezou pedindo desculpas; chorou; ficou calado; discordou ou come-teu ação violenta. O importante aqui é o nexó lógico entre as situações representadas.

Agressor	Humilhado	Como foi a humilhação?	Quais foram os sentimentos do agredido?	Qual foi a reação do agredido?
Marido	Esposa	Falou que ela não serve para nada e só gasta o dinheiro.	Culpa	Concordou
Adulto	Criança	Bateu na criança porque ela não tomou banho.	Medo	Concordou
Jovem	Idoso	Não deu o lugar no ônibus para o idoso sentar.	Tristeza	Ficou calado
Agência do INSS	Aposentado	Ficou três horas em uma fila.	Ódio	Discordou
Menina rica	Menina pobre	Disse que a outra era feia e malvestida.	Culpa	Chorou
Grupo de amigos	Um amigo negro	Fizeram piadas contra negros.	Tristeza	Ficou calado
Pronto-socorro	Homem com febre	Demorou a ser atendido e ficou em uma maca durante quatro horas sentindo dores.	Medo	Chorou

### Ler e dialogar – A velhice

Para esta aula, será importante ter em mãos uma pequena biografia de Simone de Beauvoir. Procure apresentar aos alunos as ideias desta pensadora, usando, especialmente, o

livro *A velhice* (Tradução Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 5. ed. 2003). Lembramos que a relação entre velhice e humilhação pode ser tratada por meio de outras referências que você queira apresentar aos alunos.

Simone de Beauvoir procurou refletir sobre a exclusão dos idosos em sua sociedade, mas do ponto de vista de quem sabia que iria se tornar um deles, como quem pensava o próprio destino. Para ela, um dos problemas da sociedade capitalista está no fato de que cada indivíduo percebe as outras pessoas como meio para a realização de suas necessidades: proteção, riqueza, prazer, dominação. Desta forma, nos relacionamos com outras pessoas priorizando nossos desejos, pouco compreendendo e valorizando suas necessidades.

Esse processo aparece com nitidez em nossa relação com os idosos. Em seu livro, a pensadora demonstra que há uma duplicidade nas relações que os mais jovens têm com os idosos, uma vez que, na maioria das vezes, mesmo sendo respeitado por sua condição de pai ou de mãe, trata-se o idoso como uma espécie de ser inferior, tirando dele suas responsabilidades ou encarando-o como culpado por sobrecarga de compromissos que imputa a filhos ou netos.

Mesmo em situações de proteção, pode-se ter processos de humilhação quando, sem a devida atenção sobre as reais condições que apresentam os idosos para resolver com autonomia seus problemas, os mais jovens passam a subestimar os mais velhos, assumindo tarefas em seu lugar.

Quando não se respeita uma pessoa em sua integridade emocional, intelectual e material, ela é excluída da sociedade pelos governos, pelas instituições, pelas famílias, pelas pessoas em geral. Os grupos mais excluídos por essas práticas são as crianças e os idosos.

Em vários lugares, como bancos e supermercados, há caixas preferenciais para idosos, mas, mesmo que elas sejam suficientes para garantir seu conforto, será que suas condições sociais também o são? Há, também, a gratuidade no transporte coletivo, mas quem viaja de ônibus sabe que às vezes suas condições

não são adequadas para transportar quem tem um corpo frágil.

Além do desamparo quanto às condições materiais, a desconsideração para com opiniões e emoções dos idosos também deve ser analisada para a superação das condições de humilhação sofrida por eles em nossa sociedade.

No texto *A velhice*, Simone de Beauvoir escreveu que o idoso é uma espécie de objeto incômodo, inútil, e quase tudo que se deseja é poder tratá-lo como quantia desprezível. Essa afirmação pode ser apresentada aos alunos para motivar a realização de uma pesquisa. Eles deverão acompanhar a rotina de um idoso e procurar as ocasiões em que essa pessoa sofre humilhações. Para isso, peça que visitem um idoso, seja um familiar seja alguém que vive em uma instituição de acolhida, procurando pensar nas demandas de atendimento a essa população.

### Sugestão de questões que os alunos devem considerar ao observar o idoso

1. Como o idoso é tratado pelos serviços públicos?  
**Por exemplo:** filas, sistema de transporte e aposentadoria; enfim, a maneira como o idoso é tratado na sociedade.
2. Os seus rendimentos (pensões) são suficientes para as suas necessidades?  
**Por exemplo:** remédios, alimentação, lazer, água, luz e aluguel.
3. Como ele é tratado pela família?  
**Por exemplo:** quem o visita, quem lhe telefona constantemente, de quem ele tem saudade.
4. Onde ele encontra diversão fora da família?  
**Por exemplo:** grupos da terceira idade, trabalho voluntário, cinema e leitura.
5. Quanto ele é dependente das pessoas?

**Por exemplo:** ele passeia sozinho pela cidade? Consegue pagar suas contas? Mora sozinho?

6. Como gostaria de ser valorizado?

**Por exemplo:** ser ouvido, ganhar um pouco mais e ter um serviço público melhor.

### Trabalhando com as informações e com o encontro

Depois da pesquisa, oriente os alunos por uma estratégia de sensibilização, sendo este um importante momento para trabalhar o texto filosófico como uma reflexão da realidade cotidiana, como habilidade ética. Peça aos alunos que discutam o resultado da pesquisa, procurando aprofundar algumas das ideias de Simone de Beauvoir, sintetizadas anteriormente, analisando a imagem do idoso como uma espécie de objeto incômodo e quase inútil na sociedade.

Os alunos podem se lembrar de alguma situação que tenham presenciado, como, por exemplo, a filha que não deixou o pai idoso responder livremente às questões, interferindo sempre. Durante o diálogo com os alunos, será importante ressaltar as dificuldades que os idosos encontram no cotidiano e quais as soluções possíveis para enfrentar essas dificuldades. Ora, como você sabe, a vida do idoso não é apenas sofrimento, mas é preciso conhecer o que pode levá-lo a perder a alegria de viver. A reflexão crítica deve seguir esta orientação – *O que faz o idoso sofrer? Como as pessoas o ajudam? Como o Estado tem (ou não tem) cumprido suas obrigações com os idosos? Como o idoso se ajuda?*

Lembre-se de que o mais importante nessa pesquisa é a experiência de encontro entre um jovem e um idoso, com oportunidade de reflexão sobre as dificuldades da velhice.

É fundamental que nessa análise sobre as condições do idoso, não se perca de vista os

avanços conquistados no Brasil em termos de atendimento à terceira idade.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que podem ser encontrados no *site* <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>>, a população de idosos representa um contingente de quase 15 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade (8,6% da população brasileira). Ainda segundo o IBGE, com um rendimento médio de R\$ 657,00, o idoso ocupa, cada vez mais, um papel de destaque na sociedade brasileira. Além de constituir um contingente de interesse para objetivos de mercado, com diversos produtos voltados para pessoas de 60 anos ou mais, o idoso conta com políticas como transporte público gratuito, valor de meia-entrada em instituições de lazer e cultura como cinemas e museus, atendimento prioritário em filas de diferentes instituições.

Dentre as políticas públicas relativas ao idoso, merece destaque o Estatuto do Idoso, garantido pela Lei nº 10.741/2003 e que foi sancionada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em 1º de outubro de 2003, publicada no *Diário Oficial da União* em outubro de 2003 e garantindo os direitos dos brasileiros com mais de 60 anos.

Sabemos que políticas de saúde e renda ainda deixam a desejar, mas não se pode negar que a terceira idade já se constitui como preocupação para autoridades e para a sociedade como um todo e conta com legislação que favorece sua luta pela conquista de direitos.

### Propostas de Questões para Avaliação

Para avaliação desta Situação de Aprendizagem, os alunos podem responder às questões a seguir, individualmente e em folha avulsa, para que você possa analisar.

1. Qual é o principal aprendizado que você destaca a partir da realização da entrevista que fez com o idoso? Justifique sua resposta.

*Resposta aberta, a depender do aprendizado. Espera-se que o estudante destaque aprendizados sobre valores, posturas diante da vida, constatações de dificuldades enfrentadas pelos idosos em nossa sociedade.*

2. Em termos de política pública, quais são as prioridades em relação ao atendimento ao idoso?

*O objetivo da pergunta é estimular o jovem a pensar soluções coletivas, em âmbito de políticas que atendam a todos os idosos. A resposta pode ter como referência a solução coletiva para os problemas apontados nas entrevistas.*

3. Como a reflexão filosófica pode ajudar na compreensão e superação dos processos de humilhação sofridos pelos idosos em nossa sociedade?

*A reflexão filosófica pode ajudar no questionamento sobre causas dos problemas enfrentados pelos idosos; no procedimento reflexivo exigido para se compreender as dificuldades e a perspectiva do idoso de forma complexa e contextualizada.*

### **Propostas de Situações de Recuperação**

Caso alguns alunos apresentem dificuldades para elaborar as reflexões solicitadas, po-

dem contar com mais tempo para realizarem, pela segunda vez, as leituras do texto e das notas de aula desta Situação, bem como pesquisar sobre o tema na biblioteca ou internet para então produzir sua síntese motivada pela questão:

- Quais são as principais situações de humilhação sofridas por idosos em nossa sociedade e quais são as políticas públicas que já existem e colaboram para a superação de tais situações? O que ainda precisa ser aperfeiçoado em termos de atendimento ao idoso?

### **Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para compreensão do tema**

#### **Livros**

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Tradução Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CACHIONI, Meire; NERI, Anita Liberalesso; e VON SIMSON, Olga R.M. *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas, SP: Alinea Editora, 2008.

#### **Site**

*Idoso no Brasil*. Disponível em: <[http://www2.secsp.org.br/secsp/hotsites/pesquisa\\_idosos2007/prefacio.asp](http://www2.secsp.org.br/secsp/hotsites/pesquisa_idosos2007/prefacio.asp)>. Acesso em: 20 maio 2009. Este site apresenta uma pesquisa atual sobre idosos no Brasil realizada pela Fundação Perseu Abramo em parceria com o Sesc.

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2

### REFLEXÃO SOBRE O RACISMO

O objetivo desta Situação de Aprendizagem é a discussão ética e política sobre o racismo, um tema cada vez mais abordado na Filosofia contemporânea, principalmente pela xenofobia europeia tão recente. A inser-

ção da Filosofia no currículo escolar exige a formação cidadã e, como não há cidadania teórica, os alunos serão orientados a pensar o dia a dia para que possam agir de modo ético na sociedade.

**Tempo previsto:** 4 aulas.

**Conteúdos e temas:** racismo, racismo antirracista, negritude, racismo no Brasil.

**Competências e habilidades:** construir argumentação consistente; elaborar propostas para intervenção solidária na realidade respeitando valores humanos e considerando diversidade sociocultural; analisar a importância dos valores éticos na reflexão sobre racismo; identificar estratégias que promovam formas de inclusão social.

**Recursos:** texto para leitura.

**Avaliação:** observação e registros a respeito da participação dos estudantes; correção dos exercícios e a organização do Caderno do Aluno são essenciais para a avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

### Sondagem e sensibilização

#### Ouvir e dialogar – Racismo no Brasil

Para iniciar o estudo ético e político de temas atuais, nos quais o filósofo consciente está trabalhando, você pode propor a seguinte questão para debate: *existe racismo no Brasil?* Essa questão deve nortear tanto os exercícios como a leitura dos textos. A presença do racismo no Brasil não é óbvia e,

quando é afirmada, apresenta característica pouco crítica. O texto a seguir, do sociólogo Jair Batista da Silva, especialista em racismo no Brasil, apresenta-nos uma visão geral do problema. Tome-o como orientação geral. Proponha a leitura do texto, explicando à classe o racismo brasileiro multiforme, destacando que a reflexão filosófica pode ajudar na compreensão e no questionamento sobre causas e formas de superação das manifestações racistas presentes em nossa sociedade.

#### A particularidade do racismo no Brasil

“Para oprimir e submeter, especialmente, os negros, o racismo no Brasil não necessitou de regras formais de discriminação, de desigualdade e de preconceito racial. O racismo como ideologia emprega e se alimenta de práticas sutis, de nuances e de representações que não precisam de um sistema rígido e formalizado de discriminação. Ao contrário das experiências norte-americana ou sul-africana que estabeleceram regras claras de ascendência mínima para definir seus grupos sociais, nas quais,

por exemplo, uma gota de sangue negro era mais que suficiente para macular a suposta pureza racial dos brancos. As formas de classificação racial e a eficácia do racismo no Brasil nutriram-se sempre das formas mais maleáveis, mais flexíveis para atingir suas vítimas, porém essas sutilezas não deixam de ser igualmente perversas e nocivas para os indivíduos e coletividades atingidos.

De qualquer forma, essa sutileza, que informa o tipo de racismo presente no Brasil, segue de mãos dadas com as premissas de ideológica “democracia racial” que pretende afirmar e defender a inexistência do racismo, precisamente porque no país não há posições ou locais sociais que negros não possam ocupar. Não há cargo, posto de trabalho, lugar, emprego, profissão etc. em que os negros não possam competir. Todavia, basta uma breve observação na paisagem social para se verificar que a democracia racial ainda não chegou para os negros. Eles são minoria nas posições de maior reconhecimento, nas profissões melhor remuneradas, nos segmentos de melhor renda etc. Especialmente a mulher negra, que ocupa uma posição social extremamente desvantajosa quando comparada com o conjunto da população branca do país. Frequentemente ela exerce atividades de menor reconhecimento social, menor retorno salarial e de menor exigência de qualificação.

Para transformar essa situação, tão comum na paisagem social do Brasil, torna-se necessário a adoção de amplas políticas públicas que busquem minimizar as brutais desigualdades de renda, escolaridade, emprego, moradia, saúde etc. que afetam mais diretamente os negros. O que sugere uma substantiva transformação do desenho e da execução das políticas formuladas pelo Estado. Transformação que garanta efetivamente à maioria da população, especialmente aquela afrodescendente, o acesso aos elementares direitos de cidadania. Por exemplo, a ampliação das oportunidades de ensino deve vir acompanhada de mecanismos de manutenção dos estudantes nas instituições de ensino.

Pelo que se disse, reconhecer a existência e a eficácia da forma de racismo praticada no Brasil significa lutar para alcançar para a maioria da população brasileira, e para a população afrodescendente, em especial, o reconhecimento social de serem sujeitos portadores de direitos e igual dignidade humana. Reconhecimento que o racismo e a tão decantada, mas jamais praticada, democracia racial brasileira, insistem, sobretudo, em negar aos negros brasileiros”.

SILVA, Jair Batista da. *O que é racismo no Brasil*. Revista *Aulas* (texto no prelo).

Para responder as questões a seguir, os alunos deverão retomar o que foi discutido sobre o racismo no Brasil. *Sua posição ainda é a mesma? Vocês haviam pensado sobre as questões levantadas pelo autor?*

A partir das repostas dos alunos, apresente uma síntese destacando as ideias centrais do texto.

### **Pesquisa e análise de programas de televisão**

Sugerimos a formação de grupos, segundo o número dos canais de TV aberta de sua cidade. Cada grupo ficará responsável por assistir a um canal durante um período estipulado por você, conforme a disponibilidade do grupo. Você poderá dividir a programa-

ção da TV entre os alunos, para que cada grupo analise o conteúdo conforme os itens apresentados a seguir ou outros que você

julgar mais adequados de acordo com seus interesses. O importante é que o quadro seja preenchido pelos alunos.

<b>Nome do programa de TV:</b>	
<b>Tipo de programa:</b>	( ) diversão ( ) informação ( ) comercial
<b>Quantas pessoas foram apresentadas no programa?</b>	
<b>Quantos negros havia na programação e quais os papéis por eles representados?</b>	

### Dialogar – O que é o racismo?

Uma recomendação importante para trabalhar esse tema é evitar a possibilidade de constrangimento dos alunos negros. Também é fundamental orientar a classe de que a Situação de Aprendizagem não tem o propósito de estabelecer um binarismo entre brancos e negros, mas sim de denunciar as situações histórico-sociais de discriminação de imensa parcela da população do nosso país.

Com o resultado da pesquisa sobre o conteúdo do programa de TV em mãos, peça aos alunos que procurem discutir, com base no texto filosófico, o papel secundário que, na maioria das vezes, os negros desempenham na TV. Como sua figura é valorizada ou discriminada por esses papéis? Quais as diferenças ressaltadas? Quais os privilégios que são reforçados com isso?

A habilidade geral, a ser exercitada nessas duas primeiras aulas, consiste na identificação de práticas racistas que, na maioria dos casos, acabam naturalizadas em nossa sociedade.

Sem dúvida, algo que pode ser encontrado até mesmo em nós.

A palavra *raça*, apesar de ter origem biológica, não tem base científica para definir, e muito menos classificar, seres humanos. Apesar disso, a sociedade faz uso da palavra *raça* com sentido político, isto é, para definir diferenças entre pessoas.

Para legitimar posições racistas, usa-se uma diferença biológica (que é superficial, pois não há raças entre os humanos) ou cultural (religião, modo de se vestir ou falar), justificando privilégios e exclusão social. O acusador coloca-se como superior em relação à vítima do racismo.

Quando exibimos as diferenças, de modo que ninguém seja agredido ou excluído ou colocado em uma condição de inferioridade, não se trata de racismo. Dizer que André é negro, Paulo é branco, Mário é loiro etc. não significa racismo. Dizer que Luísa tem um cabelo trançado muito bonito e Márcia tem um cabelo loiro dourado, não é racismo. No entanto, usar

essas diferenças para discriminar ou tentar humilhar ou “diminuir” o outro consiste em racismo.

Por tudo isso, é importante identificar o racismo feito sem palavras e que pode ser expresso nas mais variadas formas de linguagem.

Ter amigos negros não faz de ninguém menos racista. Ser filho ou parente de negros também não. O que impede uma pessoa de ser racista é entender que o racismo é um mal cruel e excludente, que relega as vítimas à pobreza material e à destruição de seus valores e de sua cultura.

A relação do racista com a sua vítima está ligada, diretamente, ao pensamento de dominação de um povo sobre outro, de um indivíduo sobre o outro. A atitude racista é uma atitude de dominação, característica dos processos de colonização que empreenderam diferentes impérios ao longo da história da humanidade. A dominação dos europeus contra africanos e americanos levou à escravização de negros e índios que tão bem conhecemos no Brasil.

O racismo não apenas mata, mas deixa morrer e faz matar. Por isso a escola deve valorizar atitudes antirracistas, para construir consciência e favorecer práticas de valorização da vida. Assim, o antirracismo se traduz em duas condições, uma ética e outra política. A condição ética trata de refletir sobre si para não cometer a violência. A condição política se ocupa de evitar ações racistas de outras pessoas e exigir que as autoridades promovam a inclusão das vítimas, participando ou se solidarizando com grupos representativos dessa minoria – que é minoria no usufruto dos seus direitos e não em termos de números.

Para não se comprometer com o racismo, é preciso ser antirracista, pois, quem não se opõe ao racismo diretamente coloca-se em

uma opção de banalidade e omissão em relação às vítimas, e ainda colhe os frutos do racismo. Se a vítima não combate o racismo, então, vai colher os frutos da discriminação.

### Ler e dialogar

Para esta aula, retome a biografia de Jean-Paul Sartre.

A condição do negro está ligada ao racismo e à miséria. Considerando a população brasileira em geral, pode-se afirmar que raros são os casos nos quais os negros superam condição de pobreza ou mesmo de miséria e recebem notoriedade social.

A miséria causada pelo racismo e pelas políticas de Estado pós-libertação dos escravos e a despreocupação das autoridades geraram um contingente de excluídos ou marginalizados, que são reconhecidos pela mesma cor de pele, cabelo, lábios e cultura de raízes africanas – os negros.

A falta do mínimo necessário para a vida gerou e gera duas orientações: a revolta e a acomodação. A revolta pode ser política, isto é, negros e negras se encontram para discutir o que lhes faz sofrer e cobrar das autoridades a igualdade. A acomodação pode ser entendida como uma alienação. Muitos negros e negras simplesmente aceitam o papel que as elites lhes impuseram durante séculos – a de que eram trabalhadores braçais em situação precária. Por outro lado, a alienação pode gerar a vitimização: o indivíduo se vê sempre perseguido e incapaz de agir, o que resulta em baixa autoestima. Em consequência, os negros valorizam outras culturas, como a da hegemonia branca europeia.

Para Sartre, o negro precisa encontrar a sua “negritude”, que é a maneira dialética, ou a negação da injustiça, causada pelo capitalismo. A condição negra de miséria, de

humilhação e exclusão social, foi gerada pelo capitalismo, em processos de escravização de um povo sobre outro povo. Do ponto de vista cultural, diferentemente do proletário europeu, formado pelas fábricas, o negro teve um espaço para desenvolver sua cultura, que só podia ser uma cultura de resistência. Cada vez que um negro coloca uma roupa que expressa sua identidade, compõe uma música que fala de sua vida, não tenta moldar o seu corpo para ser igual aos outros, ele produz a “negritude”, a resistência cultural dentro do capitalismo racial e cristão. A negação do ato colonizador.

O capitalismo colocou o burguês e o trabalhador em oposição por meio de uma situação de exploração. Mas o capitalismo também colocou o branco europeu em oposição ao negro escravo e ao negro pós-libertação, o que também resultou em formas de exploração. O capitalista oprime o trabalhador enquanto, em certa medida, o trabalhador branco oprime o negro. Por isso, o negro deve assumir a consciência de que sua raça é explorada por uma questão social de dominação do homem branco e não por sua natureza biológica.

Em Sartre, há uma diferença entre o trabalhador branco e o trabalhador negro, pois apesar de ambos sofrerem as dificuldades da pobreza, o negro sofre como negro, isto é, além da pobreza, ele encontra a discriminação junto àqueles que também são pobres e oprimidos, e até os trabalhadores brancos discriminam o trabalhador negro.

O que é preciso fazer? É preciso que cada um tome consciência de sua condição; que o trabalhador tome consciência de sua exploração e perceba que os problemas advêm de sua posição no mundo capitalista; que o negro identifique sua condição de submetido pelo racismo. Sob a inspiração de Sartre, pode-se pensar que a consciência de que é submetido ao racismo deve favorecer o entendi-

mento por parte dos negros de que é preciso assumir-se como negro, sem negar origens africanas e história cultural, mas negando a condição de exclusão e inferioridade de que foram vítimas. Assim, o negro deve orgulhar-se de sua negritude, atribuindo significados positivos ao fato de ser negro.

Sartre inspira um pensamento de valorização do negro. Um olhar negro sobre o mundo. Uma compreensão de que o negro não pode ser conjugado como o mal.

A nossa cultura associa as palavras negro, negra e preto ou preta a ideias pejorativas. Por exemplo, o que significam as expressões “mercado negro”, “o lado negro”, “magia negra”, “a coisa está preta”?

A ideia de negritude entendida como valorização do negro e crítica à visão negativa do mesmo impõe outra opção à ordem da cultura excludente. Sendo chamados de negros ou afrodescendentes, essas pessoas se encontraram pela negritude, que significa valorização do negro, da história dos povos africanos, da cultura negra e de uma nova visão sobre os negros, bem como sobre a importância de superação da exclusão social a que foram submetidos.

A negritude seria o desenvolvimento da cultura negra após a colonização. Nela, estaria uma inversão em oposição ao sistema eurocêntrico capitalista e branco. A negritude revela o racismo.

### Exercício

Divida a turma em grupos, organizados pelos seguintes temas: literatura, religião, música, culinária, dança, artes plásticas e manifestações populares da cultura afro-brasileira. Eles deverão, então, pesquisar informações sobre esses elementos relacionados à cultura negra. Por exemplo, uma história de orixás, alguns

passos da capoeira, poemas de negros, história e músicas de samba. E deverão apresentar essas informações na aula seguinte.

### Escrever – O racismo é material e subjetivo

O racismo não tem como consequência apenas a separação entre pessoas diferentes; o racismo é um conjunto de práticas que interferem diretamente na condição de vida de

grande parte da população brasileira e mundial, acarretando modos de vida baseados em injustiças sociais, ausência de direitos e dificuldades materiais perversas. Os alunos podem ser orientados a observar e comentar os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e os dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, disponíveis nos respectivos sites: <<http://www.ibge.gov.br>> e <<http://www.pnud.org.br>>.

Aspecto analisado	Brasil	Cor ou raça*		
		Branca	Preta	Parda
Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais	10,0	6,1	14,3	14,1
Média de anos de estudo das pessoas de 15 anos ou mais de idade	7,3	8,1	6,4	6,3
Pessoas com 25 anos ou mais que concluíram o ensino superior	9,0	13,4		4,0

\*As terminologias desta tabela são utilizadas pelo IBGE.

Fonte: IBGE, *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007*. <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoedevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2008/indic\\_sociais2008.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoedevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2008/indic_sociais2008.pdf)>. Acesso em: 8 jul. 2009.

Expectativa de vida (idade)	
Mulher branca	73,8
Mulher negra	<b>69,5</b>
Homem branco	68,5
Homem negro	<b>63,2</b>

Fonte: Brasil: esperança de vida ao nascer, por sexo e cor/raça. In: *Atlas Racial Brasileiro*, 2004. PNUD.  
Fonte dos dados: Censo 2000. IBGE Disponível em: <[http://www.pnud.org.br/publicacoes/atlas\\_racial/ARB-Esperanca\\_de\\_Vida.doc](http://www.pnud.org.br/publicacoes/atlas_racial/ARB-Esperanca_de_Vida.doc)>. Acesso em: 8 jul. 2009.

Mortalidade infantil (Até 1 ano de idade)
Crianças negras têm <b>66%</b> mais possibilidade de morrer

Fonte: *Atlas Racial Brasileiro*, 2005. Disponível em: <[http://pnud.org.br/publicacoes/atlas\\_racial/textos\\_analiticos.php](http://pnud.org.br/publicacoes/atlas_racial/textos_analiticos.php)>. Acesso em: 8 jul. 2009.

Depois de analisar os dados com os alunos, propomos uma discussão sobre a seguinte questão: *No Brasil, há preconceito racial?* Encerrada a discussão, os alunos poderão elaborar uma redação para entregar em folha avulsa, com o seguinte tema: Como incluir, socialmente, os milhões de afrodescendentes do Brasil? Essa redação, depois de corrigida, poderá ser divulgada em jornal mural, impresso ou em *blog* na internet, com objetivo de defender igualdade de direitos para todos.

Como pesquisa, os alunos poderão procurar grupos e associações de luta antirracista. É interessante fazer uma carta de apresentação, com timbre da escola, produzindo com eles uma lista desses grupos, disponibilizando-a para a escola. Em momentos oportunos, os alunos poderão socializar sua experiência, incentivando as ações de participação política, como um de nossos principais papéis como professores de Filosofia.

Proponha questões como: *Quais são os projetos e as estratégias do grupo para conseguir a igualdade? Quais são seus objetivos? Quais são os sonhos? Que descobertas você fez na presença dessas pessoas?*

### Propostas de Questões para Avaliação

Segundo os textos lidos responda:

- a) Quais as principais causas para o racismo?

*As principais causas são dominação europeia sobre o continente africano e asiático em geral, a desigualdade social gerada por essa dominação e também pelas relações capitalistas, tais como se desenvolveram no decorrer dos séculos XIX e XX perpetuando dominações de alguns povos sobre outros e gerando exclusão social. Soma-se*

*a essa exclusão, o conjunto de justificativas ideológicas para essa dominação, provocando valores que perpetuam o racismo.*

- b) O que precisa ser mudado na postura das pessoas para a superação do racismo?

*Essa questão é aberta a depender das respostas dos alunos, mas requer recuperação das leituras e discussões trabalhadas nesta Situação de Aprendizagem.*

- c) O que precisa ser mudado em termos de políticas públicas para a superação do racismo?

*Essa questão é aberta a depender das respostas dos alunos, mas requer recuperação das leituras e discussões trabalhadas nesta Situação de Aprendizagem.*

### Propostas de Situações de Recuperação

Os alunos que não conseguiram alcançar os objetivos desta Situação de Aprendizagem, seja pela ausência da aquisição de conteúdo, seja pelo baixo desempenho nos exercícios de reflexão, devem ser direcionados para a recuperação. Eles deverão retomar a leitura dos textos propostos, fazer uma breve explicação de seu conteúdo e apresentar, por escrito, um resumo geral do conteúdo da Situação de Aprendizagem.

Caso você prefira, peça aos alunos que rerepresentem a pesquisa sobre o racismo observado na TV, depois de refazê-la com base em sua avaliação.

Além disso, você pode pedir a eles que reescrevam, com suas palavras, os argumentos centrais de um dos textos filosóficos incluídos neste Caderno ou disponíveis no livro didático. Podem, ainda, fazer uma redação sobre o racismo no Brasil.

## Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para compreensão do tema

### Livros

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. Texto excelente que opta por criar uma Filosofia africana a partir de problemas pós-coloniais. Discute racismo, movimento pró-negro, África, biologia racial e outros temas de forma rigorosamente filosófica.

*Cadernos de Cinema do Professor*. Publicação da FDE, 2008, com indicações de filmes que poderão ser analisados com os alunos.

MEMMI, Albert. *O racismo*. Tradução Natércia Pacheco e Manuela Terraseca. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*. Tradução Jacob Guinsburg. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

### Sites

*Porta Curtas*. Disponível em: <<http://www.por-tacurtas.com.br>>. Acesso em: 17 jun. 2009. Traz vários curtas-metragens para trabalhar com o tema racismo (*Xadrez das Cores*) e outros assuntos. Além disso, oferece todo o apoio didático-pedagógico para os professores, incluindo DVDs com material para escola – o projeto “Curta na Escola”.

*SciELO*. Disponível em: <<http://www.scielo.org>>. Acesso em: 17 jun. 2009. Há mais de 104 artigos acadêmicos de diversas áreas sobre racismo.

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE HOMENS E MULHERES

O objetivo desta Situação de Aprendizagem é introduzir o debate sobre a contribuição da filosofia para se compreender o feminismo e a teoria de gênero. Para esse propósito, iniciamos a primeira aula com uma introdução

ao pensamento de Olympe de Gouges. A seguir, trataremos do pensamento de Simone de Beauvoir. A partir daí, nas aulas seguintes, a discussão aborda a teoria de gênero, segundo a filósofa Judith Butler.

**Tempo previsto:** 5 aulas.

**Conteúdos e temas:** filosofia feminista, gênero e emancipação.

**Competências e habilidades:** construir argumentação consistente; elaborar propostas para intervenção solidária na realidade respeitando valores humanos e considerando diversidade sociocultural; analisar a importância dos valores éticos na reflexão sobre condição da mulher e sobre semelhanças e diferenças entre homens e mulheres; identificar estratégias que promovam formas de inclusão social.

**Estratégias:** exercícios de reflexão, escrita e leitura.

**Recursos:** texto para leitura.

**Avaliação:** observação e registros a respeito da participação dos estudantes; correção dos exercícios e a organização do Caderno do Aluno são essenciais para a avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

## Sondagem e sensibilização

### Ouvir e dialogar – o gênero

Para esta aula será necessário ter em mãos uma pequena biografia de Olympe de Gouges.

Para iniciá-la, sugira que os alunos façam uma caracterização do homem e da mulher. Em seguida, comece o debate, lembrando que o fundamental, aqui, é que os alunos sejam colocados diante do problema e demonstrem seus conceitos e pré-conceitos para estabelecer diálogo. Lembre-se de que o objetivo, neste momento, não é reforçar as diferenças biológicas. Também não se deve reforçar a divisão social do trabalho e do lazer. O gênero sexual deve ser encarado como uma questão ética e política, ou seja, refere-se a ações de indivíduos (ética pessoal) e também a ações coletivas (política) que implicam respostas e soluções sociais para construção de convívio democrático, sem discriminações de natureza sexual. Tendo em vista que essa reflexão está enraizada profundamente na cultura, você poderá direcionar a problemática, representando uma espécie de ponte entre os conhecimentos e os preconceitos dos alunos e a tradição filosófica.

Como atividade extraclasse, sugerimos uma pesquisa sobre a história do feminismo. Em meio à Revolução Francesa, foi proclamada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Durante os debates sobre essa declaração, Olympe de Gouges elaborou aquela que incluía “os Direitos da Mulher e da Cidadã”, pois, apesar de se procurar a igualdade universal, as mulheres não estavam nela inseridas nem mesmo teoricamente.

A sua atitude revela que o direito inscrito em uma lei não significa direitos objetivados

no mundo cotidiano. A igualdade da lei pode significar apenas igualdade de alguns; no caso, igualdade entre os homens. Isso significava que apenas os homens eram cidadãos, e as mulheres não. Era preciso declarar que as mulheres eram cidadãs e deveriam exercer os seus direitos.

Observe o texto a seguir, que é a conclusão da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Leia-o com os estudantes, considerando o vocabulário e os argumentos.

#### Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã

Olympe de Gouges 1791

Mulher, desperta-te; a força da razão se faz escutar em todo o universo; reconhece teus direitos. O poderoso império da natureza não está mais envolto de preconceitos, de fanatismo, de superstição e de mentiras. A bandeira da verdade dissipou todas as nuvens da tolice e da usurpação. O homem escravo multiplicou suas forças e teve necessidade de recorrer às tuas, para romper os seus ferros. Tornando-se livre, tornou-se injusto em relação a sua companheira. Oh mulheres.

*Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã.*

Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/mulheres.htm>>. Acesso em: 18 maio 2009.

### Dialogar e ler – Direitos da mulher

Observe os dados a seguir, que podem ser atualizados no *site* indicado.

<b>Distribuição da população em idade ativa, segundo sexo e condição de atividade Estado de São Paulo — 1994-1998</b>						
Condição de atividade	1994	1998	1994	1998	1994	1998
			Homens		Mulheres	
<b>População em idade ativa</b>	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<b>População economicamente ativa</b>	60,3	61,1	74,3	72,3	47,3	50,9
<b>Ocupados</b>	52,0	50,8	65,1	61,9	39,8	40,7
<b>Desempregados</b>	8,3	10,2	9,1	10,4	7,5	10,1
<b>Inativos</b>	39,7	38,9	25,7	27,7	52,7	49,1

Fonte: *Fundação Seade*. Pesquisa de Condições de Vida (PCV). Disponível em: <[http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/boletins/boletim\\_01/tabelas/tab1.htm](http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/boletins/boletim_01/tabelas/tab1.htm)>. Acesso em: 5 jun. 2009.

<b>Rendimento médio do trabalho, por sexo e nível de escolaridade Estado de São Paulo — 1994-1998</b>				
Média de rendimentos (R\$)	1994	1998	1994	1998
	Homens		Mulheres	
<b>Total</b>	1 011	1 120	559	720
<b>Analfabeto e Fundamental incompleto</b>	586	605	281	338
<b>Fundamental completo e Médio incompleto</b>	815	762	405	440
<b>Médio completo e Superior incompleto ou completo</b>	1 917	2 032	999	1 201

Fonte: *Fundação Seade*. Pesquisa de Condições de Vida (PCV). Disponível em: <[http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/boletins/boletim\\_01/tabelas/tab9.htm](http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/boletins/boletim_01/tabelas/tab9.htm)>. Acesso em: 5 jun. 2009.

<b>Taxas de desemprego, por sexo, segundo tipo de desemprego e atributos pessoais Estado de São Paulo — 1994-1998</b>						
Tipos de desemprego e atributos pessoais Nível de escolaridade	1994	1998	1994	1998	1994	1998
	Homens		Mulheres		Total	
<b>Analfabeto e Fundamental incompleto</b>	15,1	17,4	17,4	20,6	16,0	18,6
<b>Fundamental completo e Médio incompleto</b>	12,1	15,9	22,2	28,1	16,3	21,2
<b>Médio completo e Superior incompleto ou completo</b>	6,4	8,5	9,7	14,6	7,9	11,5

Fonte: *Fundação Seade*. Pesquisa de Condições de Vida (PCV). Disponível em: <[http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/boletins/boletim\\_01/tabelas/tab3.htm](http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/boletins/boletim_01/tabelas/tab3.htm)>. Acesso em: 5 jun. 2009.

Nesses quadros, os dados dizem respeito à condição de trabalho da mulher, que, mesmo com mais estudo que os homens, não consegue, em média, o mesmo salário. No campo profissional, os homens têm mais importância que as mulheres. Do ponto de vista ético e político, trata-se de uma luta a ser travada contra a injustiça social.

Para Simone de Beauvoir, a condição da mulher é uma escolha dos homens apoiada pela submissão das mulheres. Para a libertação das mulheres, elas devem assumir a responsabilidade de mudar a situação de submissão, pois são seres livres, e só ficarão submetidas ao preconceito social por escolha própria.

A única libertação possível das mulheres virá da política, isto é, da união das próprias mulheres. Elas precisam se encontrar, reconhecer seus problemas, partilhar *ideias*, o que quer dizer que precisam lutar juntas. Não há como ser diferente, pois não se pode esperar que todos os homens abram mão dos seus privilégios pelas mulheres. Para essa filósofa, não se trata de colocar as mulheres contra os homens, mas de colocá-las contra o machismo. Contra as situações de opressão.

Assim como no caso dos negros e do racismo, como tarefa ou encaminhamento para os alunos, peça que procurem grupos e associações que apoiam mulheres em sua cidade, considerando também grupos de militância feminista. Para orientar essa atividade, releia as recomendações que fizemos para a Situação de Aprendizagem anterior, pois elas se aplicam, perfeitamente, a este caso específico.

Os alunos contam com os dados dos quadros apresentados em seus Cadernos, o que facilita a leitura e comentários. Podem responder: *a) quais os fatores que levam às diferenças entre homens e mulheres registradas nos quadros? b) quais as possibilidades de superação dessas diferenças?*

### **Dialogar e escrever – Filosofia e gênero**

Para esta aula, será muito importante ter em mãos uma pequena biografia de Judith

Butler, recolhida em materiais de apoio didático e/ou sites.

Inicie os debates propondo as questões: *O que faz um homem ser homem e uma mulher ser mulher – o corpo, o pensamento ou a sociedade? Quem decide as funções sociais da mulher e do homem – o corpo, o pensamento ou a sociedade?*

Para a filósofa Judith Butler é a sociedade que define as identidades do homem e da mulher. O corpo físico é só o espaço em que a sociedade define a sua divisão de trabalho. Homens fazem isto, mulheres aquilo. Em outras palavras, ninguém nasce homem ou mulher, sendo a sociedade a responsável por ensinar as crianças a ser homens e mulheres.

Se um bebê nascer no Brasil, mas for criado no Japão por uma família japonesa, como ele verá o mundo? Como brasileiro ou como japonês? E quando estiver com fome, vai desejar comer que tipo de comida, japonesa ou brasileira? Assim acontece com o gênero: ao nascer, ou durante os exames pré-natais, determina-se o gênero da criança segundo o sexo biológico. Ou seja, como para o senso comum, sexo é igual a gênero, isso determinará o tipo de roupas e brinquedos que a criança vai receber até formar valores que vão sendo destinados a ela. Entretanto, se considerarmos que sexo e gênero são coisas diferentes, a determinação de gênero depende, histórica e socialmente, da cultura social. Será que existe uma determinação genética que afirme que meninas deverão lavar louça enquanto os irmãos podem jogar bola? Ou que as mulheres não deveriam ocupar cargos de chefia? Quando se divide o mundo em dois gêneros, afirma-se o binarismo do sexo. Ou o indivíduo se encaixa em um gênero sexual, ou em outro.

#### **Exercício**

A atividade a seguir tem como objetivo exercitar nos alunos a observação atenta sobre a construção dos papéis sociais de homens e mulheres, nesse sentido, eles poderão escrever funções para cada gênero conforme o exemplo da tabela a seguir:

Homens	Mulheres
Sustentar a casa.	Organizar a casa.
Mostrar força.	Mostrar sensibilidade.

A história tem demonstrado que as funções de homens e mulheres têm mudado com o tempo. Elas não são naturais, não há uma essência feminina ou masculina. Tudo isso é um posicionamento para controlar a vida das pessoas. Os meninos têm de ser sempre fortes; e as meninas, sensíveis. Mas, para Butler, meninos e meninas

são criações artificiais, e aqueles que conseguem entrar no padrão acabam sendo bem-sucedidos, excluindo-se os demais. Esses encaixes beneficiam principalmente os homens.

Leia com os alunos o texto seguinte, esclarecendo o sentido de palavras e expressões.

Meu trabalho sempre teve como finalidade expandir e realçar um campo de possibilidades para a vida corpórea. Minha ênfase inicial na desnaturalização não era tanto uma oposição à natureza quanto uma oposição à invocação da natureza como modo de estabelecer limites necessários para a vida genderada. Pensar os corpos diferentemente me parece parte da luta conceitual e filosófica que o feminismo abraça, o que pode estar relacionado também a questões de sobrevivência. A abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em políticas e na política, e viver com tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da ontologia. Eu me enfureço com as reivindicações ontológicas de que códigos de legitimidade constroem nossos corpos no mundo; então eu tento, quando posso, usar minha imaginação em oposição a essa ideia.

Portanto, não é um diagnóstico, e não apenas uma estratégia, e muito menos uma história, mas um outro tipo de trabalho que acontece no nível de um imaginário filosófico, que é organizado pelos códigos de legitimidade, mas que também emerge do interior desses códigos como a possibilidade interna de seu próprio desmantelamento.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. *Como os corpos se tornam matéria*: Entrevista com Judith Butler. Revista *Estudos Feministas*, v.10, n. 1, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009)>.

Acesso em: 26 maio 2009.

### Exercício

Muitas vezes, a sociedade e a cultura tentam encaixar os indivíduos em quadros preestabelecidos por eles. Cada vez que alguém se encaixa nesses espaços é obrigado a assumir uma identidade perante os outros. Mas quais são as categorias mais excluídas nas sociedades atuais, principalmente no Brasil? O que nós podemos fazer para

superar a classificação das pessoas a partir dessas categorias, ou seja, como pensar diferente?

Como Lição de Casa, sugerimos uma redação sobre as questões apresentadas nesta Situação de Aprendizagem. Não se esqueça de orientá-los a escrever sem se colocarem em qualquer uma dessas categorias, usando-as apenas para compreenderem o tema.

## Propostas de Questões para Avaliação

1. Durante a Revolução Francesa, foram declarados os Direitos Universais do Homem. Identifique as razões da crítica de Olympe de Gouges à sua formulação.

*Espera-se que o estudante destaque a contradição presente no processo que liberta o homem, mas não impede que este domine a mulher.*

2. Quais as políticas públicas que poderiam colaborar para a superação da desigualdade social entre homens e mulheres?

*Espera-se que o estudante destaque políticas como leis e projetos de grande abrangência social que favoreçam a superação da desigualdade entre homens e mulheres.*

3. Assinale, a partir dos conhecimentos desenvolvidos pela leitura e discussão dos textos, valores que podem ser considerados machistas:

- (X) Homem não chora.
- (X) As mulheres são bonitas, mas não são inteligentes.
- (X) Homens e mulheres são definições sociais a partir do corpo.
- ( ) Respeitar a diferença é uma atitude ética e política.

## Propostas de Situações de Recuperação

Os alunos que não alcançarem os objetivos desta Situação de Aprendizagem podem refazer a pesquisa sobre a história do feminismo com base em sua avaliação. Além disso, você pode pedir que reescrevam, com suas palavras, os argumentos centrais de um dos textos filosóficos incluídos neste Caderno ou disponíveis em outras fontes utilizadas para estudo. Eles ainda têm a opção de fazer uma redação sobre a situação da mulher na sociedade brasileira.

## Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para compreensão do tema

### Livros

ANDRE, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Tradução Élvio Antonio Funck. Florianópolis, SC: Mulheres, 2002.

### Sites

*Biblioteca Digital Clam*. Disponível em: <<http://sistema.clam.org.br/biblioteca/?q=node/72>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

*Cadernos Pagu*. Disponível em: <[http://www.sielo.br/scielo.php?script=sci\\_serial&pid=0104-8333&nrm=iso&rep=&lng=pt](http://www.sielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-8333&nrm=iso&rep=&lng=pt)>. Acesso em: 3 jun. 2009. Publicação do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu.

*Revista Estudos Feministas*. Disponível em: <[http://www.sielo.br/sielo.php?script=sci\\_serial&pid=0104-026x&lng=en&nrm=iso](http://www.sielo.br/sielo.php?script=sci_serial&pid=0104-026x&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 3 jun. 2009. Publicação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina.

*Revista labrys*. Disponível em: <[www.unb.br/ih/his/gefem/](http://www.unb.br/ih/his/gefem/)>. Acesso em: 17 jun. 2009.

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 4

### FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

O objetivo desta Situação de Aprendizagem é introduzir o debate sobre a filosofia da educação a partir do conceito adorniano. A primeira aula será desenvolvida com base em debates sobre o tema geral da educação;

na segunda, propõe-se a análise de três modelos de escola; por fim, nas últimas aulas, a reflexão incidirá, mais especificamente, sobre o conceito de Educação em Theodor Adorno.

**Tempo previsto:** 4 aulas.

**Conteúdos e temas:** Adorno; Kant; emancipação; educação.

**Competências e habilidades:** construir argumentação consistente; recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural; analisar criticamente a própria experiência educacional.

**Estratégias:** exercícios de reflexão, leitura e escrita.

**Recursos:** texto para leitura; jornais e revistas.

**Avaliação:** observação e registros a respeito da participação dos estudantes; correção dos exercícios e a organização do Caderno do Aluno são essenciais para a avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

### Sondagem e sensibilização

#### Dialogar – Filosofia da Educação

Para iniciar esse tema, pergunte aos alunos *o que eles pensam sobre educação*. No Caderno do Aluno, eles encontrarão algumas questões para orientar essa sondagem, mas para iniciar, você pode sugerir que a partir de conversa com os colegas, em pequenos grupos, elaborem uma frase para expressar o que entendem por educação. O que essa palavra significa?

Veja a seguir outras questões para esta primeira aproximação ao tema.

- ▶ Por que você vem para a escola?
- ▶ Caso você seja obrigado por alguém a vir à escola, por que isso ocorre?
- ▶ Qual é o principal compromisso dos professores?

- ▶ Que tipo de aluno você é? Quais são as suas curiosidades?
- ▶ Fora da escola, o que você tem aprendido?
- ▶ Como você quer que seus filhos sejam educados?
- ▶ O que você sonha para seu futuro e o de seus (futuros) filhos?
- ▶ E com a vivência na escola, o que você tem aprendido que considera muito importante na sua vida?

Muitas vezes, os pais veem a educação, a escola, o professor e o aluno somente associando tudo e todos ao trabalho, como uma espécie de aprendizado para uma profissão, um pré-requisito para conseguir emprego. O aluno é mandado para a escola para aprender “alguma coisa” que possibilite trabalhar e sustentar a si mesmo ou a sua futura família. Muitas vezes, é necessário que trabalhe para auxiliar pais e irmãos. Os alunos, em geral, enxergam a escola

de maneira contraditória, com aspectos que gostam muito e outros nem tanto. Percebem a escola como lugar para encontrar os seus amigos e se divertir, lugar para fugir dos problemas de casa, lugar onde sentem que estão perdendo tempo, onde encontram dificuldades para valorizar o que se ensina e em alguns casos como lugar onde são humilhados pelos mais variados tipos de exclusão e preconceito.

Há professores que veem a escola como algo que não dá certo, onde não se tem apoio nem salário, nem instrumentos suficientes para ensinar, o que leva ao desencanto com a profissão. Mas há, também, os otimistas, que gostam do que fazem. Por isso, a sala dos professores torna-se o lugar mais contraditório da escola.

Muitos diretores colocam-se na ponte entre as políticas, os compromissos burocráticos, os problemas rotineiros, os pais, os funcionários, os professores, os alunos, os vizinhos da escola. Enfim, cada agente da educação pública tem os seus problemas e as suas responsabilidades. Seu ânimo e seu desânimo. O fato é que precisamos encontrar criticamente os fatores e exercer nossas responsabilidades, o que só tem sentido se for feito em conjunto.

### Dialogar – Tipos de escola

Apresente os seguintes tipos de escola para os alunos, como o resumo do livro de Maria Lúcia de Arruda Aranha, *Filosofia da Educação*. 3. ed. Moderna, 2006.

- ▶ **Escola Tradicional:** esta escola se origina na ideia de que o professor fala e os alunos aprendem. O esforço maior é o uso da memória, é preciso acumular conhecimentos, decorando nomes, datas, fórmulas e tradições. O professor ensina, o aluno decora, o professor cobra na prova, oferecendo prêmios aos melhores e incentivando a competitividade. Outro lado importante é a disciplina rígida. Ao se comportar mal, o aluno é excluído e punido e não educado, ou seja, não é considerado como aluno a ser orientado tendo em vista mudanças cognitivas e de atitudes.
- ▶ **Escola Nova:** o aluno é o centro do processo, a partir da compreensão do seu aspecto psicológico. A escolha dos conteúdos visa ao interesse dos alunos. O professor é um facilitador, ele desperta a curiosidade e o aluno sai ao encalço de sua descoberta. O fundamental é a compreensão, e não a memorização dos conteúdos, isto é, aprender fazendo. As avaliações não supõem competitividade, mas cooperatividade. O mais importante é um ajudar o outro. A prática do dia a dia se dá em laboratórios, hortas, passeios, jogos, oficinas e outros. A disciplina é construída em processo de valorização da autonomia, o aluno deve entender que é o protagonista de como alcançar seus objetivos.
- ▶ **Escola Técnica:** esta escola quer dar ao aluno o suporte para trabalhar na sociedade industrial. Seu objetivo é transformar o estudante em mão de obra qualificada. Seu principal conteúdo é científico e tecnológico, sem tratar com profundidade da subjetividade. O importante é aprender a profissão, ser cobrado objetivamente seu uso. O grande problema desse estilo de escola é a razão instrumental que submete a vida ao mercado. O aluno não é mais uma pessoa, é um funcionário, um técnico ou um profissional.

### Exercício

Um exercício interessante é pensar com os alunos no tipo de escola em que estudam. Não se pode esperar o enquadramento em nenhum dos tipos apresentados descritos, mas uma reflexão que considere questões como:

*Predominantemente, como se caracterizam as aulas em nossa escola? O que os professores esperam dos alunos? Quais os problemas considerados mais sérios pelos alunos? Como poderiam ser solucionados? Como é o sistema de avaliação? Poderia ser mudado? A autonomia intelectual é valorizada?*

## Ler e dialogar – Adorno e Kant: a emancipação

Para esta aula, será importante ter em mãos uma biografia de Theodor Adorno, retomando

a de Immanuel Kant, já utilizada anteriormente. Então, apresente o texto a seguir aos alunos.

### Educação e emancipação

“É bastante conhecida a minha concordância com a crítica ao conceito de modelo ideal. Esta expressão se encaixa com bastante precisão na esfera do jargão da autenticidade que procurei atacar em seus fundamentos. Em relação a essa questão, gostaria apenas de atentar a um momento específico no conceito de modelo ideal, o da heteronomia, o momento autoritário é imposto a partir do exterior. Nele existe algo de usurpador. É de se perguntar de onde alguém se considera no direito de decidir a respeito da orientação da educação dos outros. As condições – provenientes no mesmo plano de linguagem e de pensamento ou de não pensamento – em geral também correspondem a esse modo de pensar. Encontram-se em contradição com a ideia de um homem autônomo, emancipado, conforme a formulação definitiva de Kant na exigência que todos os homens tenham que se libertar de sua autoinculpável minoridade.

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar minha concepção inicial de educação. Evidentemente, não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isso seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política, isto é, uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas também operar conforme o seu conceito demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada em uma sociedade de quem é emancipado.

Numa democracia, quem defende ideais contrários à emancipação, e, portanto, contrários à decisão consciente independente de cada pessoa em particular, é um antidemocrata, até mesmo se as *ideias* que correspondem a seus desígnios são difundidas no plano formal da democracia. As tendências de apresentação de *ideias* exteriores que não se originam a partir da própria consciência emancipada, ou melhor, que se legitimam diante dessa consciência, permanecem sendo coletivistas-reacionárias. Elas apontam para uma esfera a que deveríamos nos opor não exteriormente pela política, mas também em outros planos muito mais profundos.”

ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p 141-142.

### Comentário ao texto

Adorno se refere ao texto de Kant em resposta à pergunta: O que é ilustração? Segundo o qual um homem emancipado é um homem sem guia, isto é, minoridade é viver sem a independência que vem do uso da racionalidade.

O que impede o homem de assumir a sua maioria é a preguiça e a covardia. Preguiça de ler, de aprender, de pesquisar, de ouvir e de se cansar em busca de uma maneira melhor de viver. Covardia em não enfrentar os pro-

blemas, os erros, as decepções, conduzindo à preferência de se manter como uma espécie de criança imatura. Para tudo se necessita de outro dizendo o que se deve ser e fazer.

Para quem perguntamos as coisas fundamentais da vida? Quem é o guia? Algum familiar, como o pai ou a mãe? O professor, o pastor, o padre, o político, o livro, o filme?

A minoridade é uma prisão. A maioria é a libertação. A liberdade vem a partir do momento em que se assume a racionalidade,

ou melhor, o esclarecimento. A escola deve ser o palco do esclarecimento para, então, se tornar geradora de cidadania. O sinal de que isso está acontecendo é o uso público da razão. Isso significa assumir posições refletidas, o que é diferente do uso privado da razão, que é responder racionalmente a situações corriqueiras, como se calar diante da autoridade. Quem tem coragem de usar a razão? Quem tem vontade de superar a si mesmo? Quem usa a razão só para não ter problemas pessoais (uso privado da razão)? Quem usa a razão enfrentando o mundo para melhorá-lo (uso público da razão)?

Os oficiais dizem: não questione, pague. Os religiosos dizem: não questione, creia. A televisão diz: não questione, assista, compre e seja. O político diz: não questione, vote.

Entretanto, a pessoa emancipada questiona abertamente, sabe o que quer e precisa disso para ser livre. Ela quer saber o motivo, ela precisa entender para aceitar ou não o que lhe é falado, ordenado. Ela usa os estudos, o raciocínio, a imaginação e a crítica para seguir o seu caminho. Dessa maneira, a melhor

escola é aquela que permite questionamentos mais profundos.

### Exercício em grupo

Após a leitura e suas intervenções sobre o tema proposto, sugerimos que os alunos elaborem uma redação das coisas com as quais não concordam. Depois, eles deverão refletir sobre as causas que os levam a ser contra as coisas apontadas. Por exemplo, se alguém é contra a quantidade de impostos que se tem de pagar, é preciso saber por quê. Para isso, será importante ter à mão alguns jornais e revistas, além de acesso à internet. O fundamental é que os alunos possam criar uma argumentação baseada na pesquisa e no debate de ideias. Para orientar a atividade, você pode apresentar um quadro, como o apresentado a seguir, para que eles preencham.

Por exemplo: sou contrário à atitude “x” do prefeito.

Depois da indicação, é preciso apresentar argumentos que demonstrem, racionalmente, que a atitude “x” do prefeito está equivocada e por que ele não deveria tomá-la.

Qual é o problema?	Argumentos contrários	Argumentos a favor	Porque os argumentos contrários são melhores e o que ele deveria fazer no lugar
A atitude de um prefeito promulgando uma lei que libera a instalação de indústrias em zona próxima à urbana.	Vai poluir mais o ambiente. Os industriais lucram muito, sem repassar para os salários. Vai desabrigar várias famílias. Os empregos que vai gerar não são para as pessoas do município, que têm outros perfis profissionais.	Tem a intenção de melhorar as indústrias da cidade.	Apesar das boas intenções do prefeito e da necessidade de melhorar as indústrias, a atitude “x” prejudicará pessoas que não têm como sobreviver sem ajuda, além de poluir o ambiente e favorecer apenas quem já lucra. Sugerimos que, em vez de tomar a atitude “x” para ajudar as indústrias, ele faça “y”, e assim não cause transtornos para a população.

## Propostas de Questões para Avaliação

1. Qual é a diferença do uso privado e do uso público da razão?

*O aluno deve responder orientado pelo professor, a respeito da diferença indicada por Kant. O uso privado é um uso que não confere uma mudança substancial ao mundo, isto é, usa-se a razão para não encontrar problemas. O uso público da razão significa a emancipação e o questionamento da realidade.*

2. Segundo Adorno, o que é educação?

*O aluno deverá abordar o conceito citado com as suas palavras. Será melhor se aparecerem exemplos do cotidiano. Evidentemente, não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira.*

3. O que significa ser emancipado?

- (X) Ter maioria, sendo o seu próprio guia.
- ( ) Fazer 18 anos.
- ( ) Obedecer à interpretação que os outros fazem da religião.
- ( ) Seguir os conselhos dos mais velhos.
- ( ) Nunca reclamar e fazer o melhor para manter o mundo como está.

4. De quem é a responsabilidade social pela educação?

- ( ) Dos professores.
- ( ) Dos alunos.
- (X) De todas as pessoas.
- ( ) Dos empresários.
- ( ) Dos pais.

- Justifique sua resposta.

## Propostas de Situações de Recuperação

Os alunos que não conseguiram alcançar os objetivos desta Situação de Aprendizagem devem ser direcionados para a recuperação, para a releitura dos textos propostos, uma breve explicação do conteúdo e a apresentação de um resumo geral sobre o tema da educação com base no texto de Adorno. Peça aos alunos que expliquem, com suas palavras, verbalmente ou por meio de texto, os argumentos do filósofo.

## Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para compreensão do tema

### Livros

ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

MORAES, Alexandre Lara. *Indivíduo e resistência*: sobre a anulação da individualidade e a possibilidade de resistência do indivíduo em Adorno e Horkheimer. Tese defendida na Unicamp

PELANCA, Nelson. *Modernidade, educação e alteridade*: Adorno, cogitações sobre um outro discurso pedagógico. Tese defendida na Unicamp.

### Site

*Biblioteca Digital da Unicamp*. Teses de doutorado. Disponíveis em: <<http://libdigi.unicamp.br/>>. Acesso em: 19 maio 2009.